

N'O Tempo e Eu há um Cascudo aluno enquanto infante

Tatiê Silva Cardoso de Moura¹

Olivia Moraes de Medeiros Neta²

¹Universidade Federal do Rio Grande do Norte tatiecardoso@gmail.com

²Universidade Federal do Rio Grande do Norte olivianeta@gmail.com

Resumo: Busca-se com este trabalho fazer uma análise (auto)biográfica de Luís da Câmara Cascudo na obra *O tempo e eu: Confidências e Proposições*, publicada em 1967, tendo ênfase na infância e na educação pedagógica. O estudo foi delineado a partir de revisão documental e bibliográfica. A pesquisa tem por base os entendimentos de escrita de si como escrita da história, de Ângela de Castro Gomes, de autor e autoria conforme Foucault, e de Pedagogia consoante a Paulo Ghiraldelli Júnior. Pelo estudo desenvolvido, depreendeu-se que Cascudo trata sobre a sua infância na medida em que apresenta sua formação pedagógica delineando os espaços, os agentes, os estudos e o modo de suas aprendizagens pedagógicas.

Palavras-chave: Cascudo, Autobiografia, Infância, Pedagogia.

Introdução:

Luís da Câmara Cascudo nasceu e faleceu em Natal, tendo por vida o período entre trinta de Dezembro de 1898 e trinta de Julho de 1986. Fora escritor polígrafo que atuou em uma pluralidade de ocupações, como: cronista, jornalista, professor, etnólogo, folclorista, historiador, antropólogo e político. Tais ocupações lhe propiciaram honrarias aos exemplos de Medalhas diversas, Comenda da Ordem de São Gregório Magno, resolução de reconhecimento como Historiador da Cidade do Natal, Prêmio João Ribeiro de Erudição, Rua com nomeação em homenagem, Avenida com nomeação em homenagem, Placa-Homenagens, Professor Emérito, Cédula de Cr\$ 50.000,00, Selo do Centenário de seu nascimento e entre outras como a arte alusiva à sua imagem no Bilhete da Loteria Federal.

Neste ano de 2018, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), instituição em que as autoras deste estudo se aderem nesta publicação, comemora seus sessenta anos de existência e efetiva o reconhecimento das contribuições de Cascudo para o erguimento da

Universidade com a promulgação do texto ‘*Cascudianamente*’, a *Certidão de Nascimento da UFRN* pela reitoria institucional que abona a Cascudo o ato de eternizar, por este seu discurso, o momento da instalação da UFRN, sendo o manuscrito deste reconhecido como uma Certidão de Nascimento da institucional.

A motivação de se investigar a importância de Cascudo e seus feitos para a comunidade acadêmica subsidia o objetivo geral deste estudo, a saber: fazer uma análise autobiográfica de Luís da Câmara Cascudo na obra *O Tempo e Eu: Confidências e Proposições*, publicada em 1967, tendo ênfase na infância e na educação pedagógica.

Os relatos cascudianos na obra *O Tempo e Eu: Confidências e Proposições* nos instiga para algumas questões, a exemplos: Em quais espaços Cascudo vivencia as educações pedagógicas de sua infância? Quais os agentes destes espaços que influíram pedagogicamente Cascudo em sua formação infante? De que maneira Cascudo desenvolveu seus estudos pedagógicos em sua infância? Sendo estes diretrizes para os objetivos específicos do estudo.

Para a tessitura deste estudo, a revisão da bibliografia dos autores Ascom; Cascudo; Cavalcanti; Fagundes; Ferrari; Foucault; Ghiraldelli Junior; Gomes; Medeiros Neta; Oliveira; Sales Neto e Vieira, assim como dos documentos que abarcam o texto *Luís da Câmara Cascudo, Aluno Primário* de Francisco Cavalcanti, publicado na revista *Província*, permitem ao estudo obedecer aos parâmetros da pesquisa bibliográfica, que segundo Trujillo Ferrari “tem por finalidade conhecer as contribuições científicas que se efetuaram sobre determinado assunto” (FERRARI, 1982, p. 209), e da pesquisa documental, que Ferrari aponta se realizar com fontes acabadas e tem por intuito agrupar, categorizar e organizar os documentos de todo gênero de diversos domínios das capacidades humanas (FERRARI, 1982).

Para a análise proposta por esta pesquisa, faz-se viável termos a obra *O Tempo e Eu: Confidências e Proposições* como relato autobiográfico de Cascudo, sujeito emérito pela Universidade Potiguar do Rio Grande do Norte, o que implica na percepção da veracidade do que é exposto por Cascudo em *O Tempo e Eu: Confidências e Proposições* como sendo contextualizações de suas memórias, ou seja, não interpretados como fatos históricos consagrados, mas sim como acontecimentos da historicidade das experiências do indivíduo que os delineiam em sua escrita, o que atinge a concepção da escrita de si quanto uma escrita da história, pela autora Ângela Gomes como quando esta explica a prática deste tipo de escrita sendo:

[...] estatuto da escrita de si, no que diz respeito às relações do texto com seu “autor”. O debate estabelecido envolveria como que duas posições básicas, que, de uma forma extremamente simplista, podem assim ser situadas. De um lado, haveria a postulação de que o texto é uma “representação” de seu autor, que o teria construído como forma de materializar uma identidade que quer consolidar; de outro, o entendimento de que o autor é uma “invenção” do próprio texto, sendo sua sinceridade/ subjetividade um produto da narrativa que elabora. (GOMES, 2004, p. 15-16).

Assim, é possível compreendermos *O Tempo e Eu: Confidências e Proposições* como uma representação pensada e articulada por Cascudo simultaneamente ao modo do entendimento da obra como resultante em uma imagem autêntica do autor que não se desvincula dos contextos em que se insere, interferindo e sendo interferido pelos espaços, sociabilidades e pedagogias concernentes a sua construção identitária. A este respeito, a autora Olivia Medeiros Neta destaca:

Ao pensarmos a relação entre autor e texto, consideramos que sua função é caracterizar a existência, a circulação e a operacionalidade de certos discursos numa dada sociedade, o que liga esta função de autor a sistemas legais e institucionais que circunscrevem, determinam e articulam o domínio dos discursos. (MEDEIROS NETA, 2007, p. 19).

Neste sentido, os entendimentos sobre autoria na escrita autobiográfica em questão dialogam com Foucault em seu livro *O que é um autor?* quando este afirma que:

[...] o autor é aquilo que permite explicar tanto a presença de certos acontecimentos numa obra como as suas transformações, as suas deformações, as suas modificações diversas (e isto através da biografia do autor, da delimitação da sua perspectiva individual, da análise da sua origem social ou da sua posição de classe, da revelação de seu projecto fundamental). (FOUCAULT, 1992, p. 53).

A partir do entendimento de Cascudo enquanto autor podemos então delinear algumas transformações sociais no tocante aos seus prismas registrados por ter sido uma criança pertencente a uma classe social privilegiada, fato que se desdobra pela posição de seus pais¹ e se infere sintomático na vida de Cascudo, sem, contudo desconsiderarmos a personalidade com seus encargos caracterizantes à construção do discurso.

Trata-se então das dimensões da escrita de si em uma perspectiva autoral que circunscreve o vislumbre do *modus vivendi* da cidade Natal em meados do século XX, pela

¹Francisco Justino de Oliveira Cascudo, que fora Coronel e comerciante durante a infância de Cascudo, e Ana Maria da Câmara Pimenta, dona de casa que fora filha do Capitão Manuel Pimenta. Ambos alcançaram vastas sociabilidades e comodidade financeira no período infante de Cascudo.

permissão às percepções das instituições, sujeitos, pedagogias e temporalidade no discurso cascudiano que, desta forma, assenta a relevância desta pesquisa para as comunidades acadêmica e popular.

O Cascudinho aluno em casa e na escola

Luís da Câmara Cascudo escreveu *O Tempo e Eu: Confidências e Proposições*, obra cuja primeira edição foi lançada em 1967 como um texto de escrita autobiográfica que não segue uma ordem cronológica linear e, por tanto, não apresenta um número fechado de capítulos tratando particularmente de um conteúdo, pois o texto foi traçado por recortes de episódios e assuntos que compuseram as experiências subjetivas ou de vivências para a construção da narrativa aqui tida como aporte para a estruturação do nosso estudo que delimita os capítulos VIII; XI; XII; XIII; XIV como os que possuem maiores informações sobre o percurso do aluno infante, apesar de haver indícios contribuintes em outras partes da obra para a compreensão mais ampla sobre a nossa perspectiva nesta pesquisa.

Com esta acepção, Cascudo nos relata que houve dois contundentes espaços em sua formação pedagógica enquanto infante: o domiciliar e o institucional, fato que pode ser identificado em alguns trechos da obra, a exemplo “meteu-me no Colégio Diocesano Santo Antônio, para ter amigos-meninos. Mudando-nos para o Tirol, a vinda para o Colégio era difícil e longa. Ensino em domicílio.” (CASCUDO, 1967, p. 46) e que é subsídio inicial para os aprofundamentos propostos que se seguem neste estudo.

Sobre o conceito de Pedagogia utilizado neste estudo, faz-se válido apresentar as considerações de Paulo Ghiraldelli Junior em “O que é Pedagogia?” quando este apresenta que “[...] a pedagogia vincula-se aos problemas metodológicos relativos ao *como ensinar*, a *o que ensinar* e, também, ao *quando ensinar e para quem ensinar* [...] a pedagogia é teoria” (GHIRALDELLI JUNIOR, 1987, p. 9, grifo do autor), pois para o estudo aqui apresentado as delimitações ocorreram a partir dos sujeitos e instituições que detinham o saber pedagógico que foram apontados por Cascudo em sua trajetória infante.

Ao que se refere ao ensino pedagógico domiciliar, Cascudo em *O Tempo e Eu: Confidências e Proposições* nos deixou alguns indícios de que teria vivenciado este caminho de ensino-aprendizagem em momentos distintos, sendo o primeiro apontado pelas interações com Totônia Cerqueira, a qual Cascudo concerne:

Minha primeira professora foi dona Totônia Cerqueira, magra, imperiosa, serena, voz sêca, adivinhando métodos intuitivos, mas carinhosa e

acolhedora de convívio. Aprendi com ela os fundamentos inabaláveis de tudo quanto sei. No fim do ano, amarrou-me uma fitinha azul no braço, declarando-me aprovado no curso **adorável** onde fui o único aluno. (CASCUDO, 1967, p. 44, grifo do autor).

Assim, sem aliar Totônia Cerqueira a qualquer instituição e nos sinalizando ter sido seu exclusivo aluno por certo período, Cascudo nos infere uma possível impressão de ter recebido as primeiras aulas em ensino a domicílio, modalidade que ele retoma vivência em outro momento.

A passagem de Cascudo do ensino a domicílio para a escola ocorreu de modo gradual ao que se refere à introdução aos estudos com orientação profissional nas interferências de aprendizagens, pois se inicia com o estímulo familiar e pessoal na primeira infância, se perpetua nas aulas de Totônia Cerqueira em domicílio e, ainda que em um período de fragilidade de saúde e afastamento pessoal da família na reclusão ao interior do sertão potiguar e paraibano, se adequa ao ensino institucional no Externato Sagrado Coração de Jesus que era exclusivamente feminino por escolha da sua mãe que foi deposta por seu pai no retorno à capital norte-rio-grandense com a seleção do Collegio Santo Antonio, e posteriormente passa a morar no Tirol, em 1915, onde institui a “Vila Cascudo” que pontua o momento de amadurecimento do menino Cascudinho por sua mãe desvencilhar-se de um montante de seus brinquedos em uma árvore de Natal para as crianças menos favorecidas da região e quando Cascudo concerne:

Mudando-nos para o Tirol, a vinda para o Colégio era difícil e longa. Ensino a domicílio. Pedro Alexandrino, com a literatura clássica de Portugal e Brasil, influenciando para a elaboração do critério, julgamento, apreciação de valores literários. Depois, Francisco Ivo Cavalcanti, Ivo-Filho, com formação regular na Escola Normal onde pertencera à primeira turma. Manejava elementos estranhos aos conhecimentos de Pedro Alexandrino. (CASCUDO, 1967, p. 46-47).

E, para além de enfatizar neste trecho a experiência do ensino a domicílio, Cascudo reforça as importâncias destes sujeitos quando alega “Não sei se tenha interesse em depor sobre as ‘influências iniciais’ da minha formação. Mas dois amigos sugerem a indispensabilidade da confidência. [...] Pedro Alexandrino dos Anjos e Francisco Ivo Cavalcanti. Os primeiros.” (CASCUDO, 1967, p. 59) ou como quando retoma “Jamais esqueci dona Totônia [...] velha roseira que dissipara um pouco a espessura da minha doce e incomparável ignorância.” (CASCUDO, 1967, p. 45).

Há a falta de registros nas fontes aqui analisadas das datas exatas dos períodos de estudo com cada sujeito ou instituição, porém em um relato de Francisco Ivo Cavalcanti publicado na revista *Província*, o professor de Cascudinho nos situa:

E, assim, aconteceu. O exercício da leitura fôra feito em um livro “Lições das Coisas”, e, terminado aludido exercício, peguei uma tira de papel, escrevi algumas linhas depois do que, entregando ao Cascudinho, o meu escrito, disse-lhe que aquilo eram as minhas despedidas, pois, o julgava com o curso primário terminado, aconselhando-o a procurar um professor que lhe desse ingresso, no curso secundário, propondo-me eu mesmo a lhe ministrar alguns conhecimentos. (CAVALCANTE, F. Ivo, s/ d., p. 51).

Sendo, desta forma, possível detectar a transição da infância para a adolescência de Cascudo no período de interação com o Francisco Cavalcanti, sendo esta o marco do fim do período infante e por isto a delimitação da extensão da análise aqui proposta.

No tocante ao ensino institucional recebido por Cascudo enquanto infante, percebeu-se a influência da religiosidade católica nas escolhas familiares das escolas onde estudou, sendo o Externato Sagrado Coração de Jesus e o Colégio Diocesano Santo Antônio as apontadas por Cascudo nos relatos em *O Tempo e Eu: Confidências e Proposições* aqui expostos em dois momentos da obra, o primeiro quando Cascudo relata:

Com o pavor de que os colegas de sexo me pusessem a perder, como depois puzeram, minha Mãe fez-me estudar no “Externato Sagrado Coração de Jesus”, das irmãs Andrade, Guilhermina e Maria Emília. Externato exclusivamente feminino. [...] As irmãs Andrade iniciaram-me na Cartilha Nacional e livros do imortal Felisberto de Carvalho. Decorei as quatro espécies de contas, esquecidas logo que me foi possível. (CASCUDO, 1967, p. 45).

Assim, é plausível a compreensão que Cascudo tenha concluído sua alfabetização com as Irmãs Andrade, pois a respeito da Cartilha Nacional a autora Zeneide Vieira nos informa que *A Cartilha Nacional*, produzida pelo educador e escritor brasileiro Hilário Ribeiro, tinha por objetivo ensinar, simultaneamente, a ler e escrever. Levava em consideração que a arte da leitura é a análise da fala” (VIEIRA, 2017, p. 30) e quanto aos livros do Felisberto de Carvalho, sabe-se que seus livros também tratavam de leitura e tinham instruções para a alfabetização, atendendo às demandas dos alunos e dos professores, tal como Oliveira, em seu texto *As faces do livro de leitura*, nos averigua que:

A série de Felisberto de Carvalho ainda contemplava assuntos concernentes a várias disciplinas que compunham o currículo das escolas primárias paulistas, com lições de gramática, sistema métrico, Zoologia, Botânica, Agronomia, Geografia- apresentando alguns elementos químicos que compõem a natureza, além de algumas lições de História do Brasil e muitas poesias de autores brasileiros e portugueses, retratando o amor à pátria, ao próximo e, também, enaltecendo as belezas do Brasil. (OLIVEIRA, 2000, p. 7).

Pensamos que Cascudo conclui sua alfabetização com as Irmãs Andrade por apresentar experiências outras em seu processo de aprendizagem do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, tendo o exemplo já apresentado da Totônia Cerqueira, sua primeira professora, e ainda a relação da alfabetização ter sido iniciada em momento anterior ao acompanhamento pedagógico, em sua infância, quando na obra *O Tempo e Eu: Confidências e Proposições* reitera que aprendeu a ler quase que autodidaticamente pela apreciação do Tico-Tico e das cantigas de Eustorgio Wanderley (CASCUDO, 1967, p. 44).

Desta forma, delineamos que a alfabetização de Cascudo se inicia pelo estímulo pessoal e familiar para o exercício da leitura, continua com o auxílio de Totônia Cerqueira e se culmina no Externato Sagrado Coração de Jesus, das irmãs Andrade, no sertão durante sua estadia por motivos de saúde que viabilizaram as suas escritas de si, tal como Gomes nos informa:

O tempo que passou no campo marcou sua vida e é registrado, nos prefácios e biografias, como a época áurea e inspiradora de suas obras. Essa época é retratada em diversas obras e assume um caráter definidor quando ele pensa a cultura, pois sempre parte desse mundo de sua lembrança de infância. E, embora fale dos costumes de um povo, sua visão parte do individual, especificamente das lembranças do tempo vivido no Sertão. (GOMES, 2009, s/p.).

Com relação à sua passagem pelo Diocesano Santo Antônio, Cascudo relata “Meu pai não amava a minha instrução mulheril e, quando voltei do sertão, meteu-me no Colégio Diocesano Santo Antônio, para ter para ter amigos-meninos”. A respeito do Santo Antônio, foi possível identificar seu funcionamento na atual Igreja do Galo em Natal tendo como indicativos as contribuições de Antônio Fagundes quando este afirma que “[...] o Colégio ‘Santo Antônio’, situado, então no atual Convento sob a mesma invocação e à rua de igual nome. A torre da Igreja que servia de capela para o Colégio ‘Santo Antônio’, foi abalada por uma faísca elétrica, em 21 de junho de 1897, que destruiu um galo de metal colocado no zimbório.” (FAGUNDES, 1961, p. 6, grifo do autor).

Os resultados para o aprofundamento das análises aqui propostas nos direcionam para a compreensão do contexto histórico em que essas instituições e experiências pedagógicas vivenciadas por Cascudo se estabeleceram. Assim, na temporalidade podemos discernir os anos iniciais do século XX, no Brasil fora o início do período republicano, tal como a cidade Natal sendo o espaço basilar destas vivências, tendo em vista a curta duração das experiências de Cascudo no sertão.

Neste sentido, a infância cascudiana, apesar das suas peculiaridades pela individualidade dos experimentos vividos, não se isola de um sistema macro em tempo e espaço ao qual a autora Yuma Ferreira se refere sendo:

[...] assinalado como o momento em que a infância e a educação foram integradas, de maneira mais sistematizada, aos discursos sobre a edificação da tão almejada *sociedade moderna*. A educação da criança ligava-se, portanto, nesse momento, ao forte desejo nacional, ou pelo menos, de uma elite dirigente, de desenvolvimento. (FERREIRA, 2009, p. 15, grifo do autor).

E, desta maneira, nos dirige ao entendimento de uma Natal, resquícia da *Belle époque*,² que insere uma elite fomentadora da educação pedagógica infantil da qual Cascudo não se distancia por ser uma criança da elite daquela Natal.

Esta relação entre Cascudo e Natal foi explanada pelo autor Sales Neto em sua obra *Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria* que nos confere a percepção de Cascudo como um objeto telúrico que não se isola da complexidade nos âmbitos histórico, político, social, econômico da Natal do início do século XX, período em que Cascudo fora infante (SALES NETO, 2009), e nos suscita o entendimento do Cascudo aluno em narrativa autoral que historiciza através da escrita de si a escrita da própria história abarcante da história da cidade Natal.

Considerações Finais:

[...] Cascudo pôde contar com uma educação esmerada e culta, em virtude do excelente cabedal financeiro de sua família, que disponibilizou excelentes professores e uma literatura clássica como instrumento de formação educacional; e ao cuidado excessivo dos seus pais que, devido à morte

² Período de cultura cosmopolita que se inicia na Europa e dura até a Primeira Grande Guerra, repercutindo em outras partes do mundo.

prematura dos filhos anteriores, propiciou a ele uma infância de livros e saberes. (SALES NETO, 2008, p. 25).

Com uma infância que propiciou o contato com livros, revistas e escritos providos de ludicidade, Câmara Cascudo pôde desenvolver suas vivências, enquanto aluno infante, de uma forma diversificada que interligou o interesse pessoal e o autodidatismo com os ensinamentos de professores em domicílio e nas instituições onde estudou, em um momento histórico em que a criança se integrava à educação na perspectiva sociocultural do Brasil.

As condições para o desdobramento dessas vivências foram exímias da participação da família de Cascudinho na elite da cidade Natal, então sintomática da *Belle époque*, viabilizando, desta maneira, o acesso às sociabilidades e veiculação dos vastos materiais de leitura para as aprendizagens de Cascudo enquanto infante e aluno.

Posto que a análise proposta por este estudo parte de uma escrita (auto)biográfica sem precisão de datas e que usufruímos da veracidade da memória cascudiana, é possível associarmos os indícios do percurso das experiências apresentadas por Cascudo em *O Tempo e Eu: Confidências e Proposições* com estudos históricos que respaldam as contextualizações socioculturais abarcantes do momento relatado para a compreensão da complexidade do tempo, das culturas e da conduta social da qual Cascudo não se isolou.

Assim, percebeu-se que em momentos alternos a educação primária recebida por Cascudo ocorreu por mediações de aulas em domicílio ou instituições com o aporte dos estímulos pessoal e familiar que não desconsideraram a personalidade e a afetividade de Cascudo com os sujeitos que participaram das suas vivências de aluno enquanto infante.

REFERÊNCIAS:

ASCOM, Wilson Galvão de. **'Cascudianamente', a Certidão de Nascimento da UFRN.** 2018. Disponível em: <<http://www.ufrn.br/destaques/15711/cascudianamente-a-certidao-de-nascimento-da-ufrn>>. Acesso em: 08 maio 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. **O Tempo e Eu: Confidências e Proposições.** Natal: Imprensa Universitaria, 1967. 336 p.

CAVALCANTI, Francisco Ivo. Luís da Câmara Cascudo, Aluno Primário. **Província**, Natal, n. 2, p.50-52, nov. 2011.

FAGUNDES, Antônio. **O Colégio Santo Antônio**. Natal: 1961.

FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** 3. ed. Vega, 1992. 161 p. (Passagens). Tradução: Antônio Cascais e Eduardo Cordeiro. ISBN: 972-699-303-2.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **O que é pedagogia?** Brasiliense, 1987. (Coleção Primeiros Passos).

GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de Si Escrita da História**. Rio de Janeiro: Fgv, 2004. 378 p.

MEDEIROS NETA, Olivia Moraes de. **Ser(Tão) Seridó: Em suas cartografias espaciais**. 2007. 122 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Luís Natal ou Câmara Cascudo: o autor da cidade e o espaço como autoria**. 2009. 180 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SALES NETO, Francisco Firmino. **Palavras que silenciam: Câmara Cascudo e o regionalismo-tradicionalista nordestino**. João Pessoa: Editora Universitária Ufpb, 2008.

IX SEMINÁRIO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS "HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL", 9., 2012, João Pessoa. **MATERIAIS PEDAGÓGICOS DE ESCOLA DE CRIANÇA: RIO GRANDE DO NORTE 1908-1930**. João Pessoa: 2012. 14 p.

TRUJILLO FERRARI, A. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1982.

VIEIRA, Zeneide Paiva Pereira. **Cartilhas de alfabetização no Brasil: um estudo sobre trajetória e memória de ensino e aprendizagem da língua escrita**. 2017. 197 f. Tese (Doutorado) - Curso de Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2017.